



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Bordando o Desenvolvimento: identidades regionais e de gênero em questão no território do Seridó, sertão potiguar¹

Pedro Henrique Bezerra de Farias

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais, Instituto de Políticas Públicas (IPP), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Winifred Knox

Professora do Instituto de Políticas Públicas, e do Programa de Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais (PPEUR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Sessão Temática 11: Novas interpretações possíveis para a questão urbana e regional

Resumo. Este estudo tem como objetivo refletir acerca do modelo produtivo globalizado presente no território do Seridó, sertão do Rio Grande do Norte, e as possibilidades de resistências numa perspectiva decolonial das mulheres tecelãs no território, a partir do fortalecimento das identidades. Trata-se de uma investigação teórica e realizou-se, ainda, pesquisa documental, a partir de matérias em blogs locais, e em mídias do Geoparque Seridó, Casa das Bordadeiras e do movimento social Seridó Vivo. Os achados da pesquisa, indicam: i) as facções têxteis e os empreendimentos eólicos, no Seridó potiguar, vem se configurando como novas transformações no território, a partir da exploração capitalista e de um modelo produtivo globalizado, que vêm se impondo diante da realidade regional; ii) apesar dos desafios na inserção produtiva e das desigualdades de gênero, como a terceirização e extensas jornadas de trabalho, as mulheres do Seridó vem se reinventando no segmento têxtil e protagonizando a resistência, a partir da manutenção do ofício, a preservação dos saberes, e recentemente com a mobilização de elementos estéticos da cultura local, como é o caso da “Coleção Território”, o que nos inspira a pensar a transformação e construção de outros mundos, a partir das identidades regionais e de gênero.

Palavras-chave. Regional; Seridó; Identidades; Gênero; Decolonialidade.

Embroidering the Development: regional and gender identities in question in the territory of Seridó, backlands of Potiguar

Abstract. This study aims to reflect on the globalized productive model present in the territory of Seridó, hinterland of Rio Grande do Norte, and the possibilities of resistance in a decolonial perspective of women weavers in the territory, from the strengthening of identities. This is a theoretical investigation and documentary research was also carried out, based on articles on local blogs, on the official website and Facebook of Geoparque Seridó and on social media of “Casa das Bordadeiras” and of the social movement “Seridó Vivo”. The research findings indicate: i) the textile factions and wind farms, in the Potiguar Seridó, have been shaping up as new transformations in the territory, from capitalist exploitation and a globalized productive model, which have been imposing themselves in the face of the regional reality; ii) the women of Seridó have been reinventing themselves in the textile sector and leading the resistance, with the mobilization of aesthetic elements of the local culture, as is the case of the “Coleção Território”, which inspires us to think about the transformation and construction of other worlds, based on regional and gender identities.

Keywords: Regional; Seridó; Identities; Genre; Decoloniality.

Bordando el Desarrollo: identidades regionales y de género en cuestión en el territorio de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Seridó, serra de Potiguar

Resumen. Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre el modelo productivo globalizado presente en el territorio de Seridó, interior de Rio Grande do Norte, y las posibilidades de resistencia en una perspectiva decolonial de las mujeres tejedoras en el territorio, a partir del fortalecimiento de las identidades. Se trata de una investigación teórica y también se realizó una investigación documental, a partir de artículos de blogs locales y de medios de Geoparque Seridó, Casa das Bordadeiras y el movimiento social Seridó Vivo. Los hallazgos de la investigación señalan: i) las facciones textiles y los parques eólicos, en el Potiguar Seridó, se han venido perfilando como nuevas transformaciones en el territorio, a partir de la explotación capitalista y un modelo productivo globalizado, que se han ido imponiendo frente a la realidad regional; ii) a pesar de los desafíos en la inserción productiva y las desigualdades de género, como la tercerización y las largas jornadas laborales, las mujeres de Seridó vienen reinventándose en el segmento textil y liderando la resistencia, desde el mantenimiento del oficio, la preservación del saber, y recientemente con la movilización de elementos estéticos de la cultura local, como es el caso de la “Coleção Território”, que inspira a pensar en la transformación y construcción de otros mundos, a partir de identidades regionales y de género.

Palabras clave: Regional; Seridó; identidades; Género; Decolonialidad.

1. Introdução

As transformações ocorridas no território do Seridó, localizado no sertão potiguar, são marcadas por um contexto de avanço na cotonicultura e industrialização ao longo do século XX, seguido pela crise do setor têxtil, reestruturação das bases produtivas, com a implantação de diversas atividades econômicas, principalmente ligadas ao segmento têxtil e de confecções para superar a crise.

Outras transformações têm sido marcadas pela entrada dos empreendimentos eólicos, que vem apresentando uma série de impactos sociais, ambientais e vulnerabilidades, causando nos territórios a segregação de comunidades, a partir da criação de estradas, desmatamento de árvores, efeitos na saúde individual e coletiva, mudanças na dinâmica sociocultural, descaracterização da paisagem, alteração de rota migratória de espécies, aumento de resíduos sólidos nos rios (HOFSTAETTER, 2016). No Seridó, os parques eólicos vem ameaçando um complexo de serras, que recentemente foram reconhecidas pela UNESCO como Geoparque Seridó, que ocupa uma área de 2.802 km² e abriga 21 geossítios (GEOPARQUE SERIDÓ, s/d).

As políticas públicas de desenvolvimento de interiorização da indústria têxtil, como as facções de costura, que por sua vez, propõem a inserção produtiva dos territórios do interior do RN, a geração de emprego e renda, vem apresentando uma realidade de violação dos direitos dos trabalhadores, em especial as mulheres, considerando um contexto de masculinização das atividades agrícolas e a indústria têxtil, especificamente as facções de costura, tem se caracterizado como uma atividade para as mulheres, característica do novo rural marcado pela pluriatividade e multifuncionalidade (WANDERLEY, 2000). As desigualdades de gênero vêm sendo percebidas nos territórios, sobretudo do ponto de vista das extensas jornadas, associadas ao trabalho doméstico não remunerado, más condições de trabalho e ausência de regulamentação, impostos às mulheres nessas facções.

A noção de território vem sendo perpassada por geografias de matriz eurocêntricas, onde há uma priorização das propriedades jurídico-políticas do território, aos trâmites burocráticos, favorecendo a exploração capitalista, em detrimento da vida humana e não-humana (HAESBAERT, 2021). O seridoense vem resistindo a essa realidade homogeneizadora, hegemônica, colonizadora, a partir do fortalecimento da identidade local, numa geografia da resistência (MORAIS, 2020).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo refletir acerca das disputas presentes no território do Seridó, sertão do Rio Grande do Norte, e as possibilidades de resistências numa perspectiva decolonial das mulheres tecelãs no território, a partir do fortalecimento das identidades. Trata-se de uma investigação teórica sobre território, numa perspectiva decolonial, além da discussão sobre gênero e circuitos produtivos locais, já que a pesquisa encontra-se em fase de coleta de dados e em condução de entrevistas. Realizou-se, ainda, pesquisa documental,

a partir de matérias em blogs locais, no sítio oficial e Facebook do Geoparque Seridó e em mídias sociais da “Casa das Bordadeiras” e do movimento social “Seridó Vivo”.

O artigo se subdivide em duas seções, sendo a primeira delas destinada a discutir as transformações e conflitos existentes no território do Seridó Potiguar, com ênfase para dois eventos contemporâneos, quais sejam o Programa de Interiorização da Indústria Têxtil - Pró-Sertão e a instalação de empreendimentos de energia eólica. Na segunda seção, tem-se a discussão sobre as resistências nos territórios seridoenses, no fortalecimento da identidade local e resgate das diferentes formas de construção étnico-cultural e de gênero. Por fim, as considerações finais com os principais achados da pesquisa.

2. Disputas no Território do Seridó, no sertão Potiguar

O território do Seridó, situado no Sertão Potiguar, vem sendo marcado por conflitos entre, por um lado, a modernização para a exploração capitalista, na perspectiva de um mundo globalizado, e por outro, a manutenção das identidades tradicionais regionais que evidenciam formas de produção da cultura e de relações específicas com o meio ambiente. Ao longo do século XX, o território passou por transformações no setor produtivo, com marcado protagonismo do setor têxtil, primeiro com a produção de algodão e posteriormente com a industrialização para a cotonicultura e beneficiamento do algodão, e na sequência uma crise a partir da década de 1980 no segmento da produção do algodão com o bicho do algodão bicudo.

De acordo com Araújo (2017), em 1920, por exemplo, o Seridó potiguar respondia por 40% do algodão exportado para o mercado externo e brasileiro. Nas décadas de 1960 e 1970 o algodão é tido como o “ouro branco”, sendo a partir da década de 1970 o início do declínio, marcado pela competitividade com o eixo sul-sudeste, que produzia a fibra sintética, bem como um contexto de juros altos para produção do algodão e a ausência de incentivos estatais, com período mais crítico com a chegada da chamada praga do bicudo na década de 1980.

Com essa crise após a praga do bicudo e dificuldades na concorrência com outros pólos de produção de algodão, o Seridó potiguar passou por uma reestruturação socioespacial e das bases produtivas, a partir da implantação de diversas atividades econômicas, principalmente ligadas ao segmento têxtil e de confecções para superar a crise (SANTOS, 2005), um contexto marcado pela criação de estratégias e resistências no redimensionamento das atividades já desempenhadas e a incorporação de novas atividades e técnicas (MORAIS, 2020). A confecção de bonés e “outras atividades produtivas como chapelarias, facções, malharias, tecelagens de redes, fábricas de panos de prato, confecção de bordados confirma a existência de uma vocação têxtil no Seridó” (LINS, 2011, p. 191).

Neste século, novas formas de exploração e disputas vem surgindo no território, a exemplo da criação de facções de costura e de empreendimentos de energia eólica, e que vem reacendendo as discussões sobre o avanço do capitalismo, a convivência com o semiárido, a desertificação, a escassez da água, o aumento da desigualdade social e de gênero e a justiça ambiental.

O modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado vem se apresentando a partir de uma noção de território importada da Europa em que se priorizam as propriedades jurídico-políticas do território, aos trâmites burocráticos (HAESBAERT, 2021), e que favorece ao capital estrangeiro, a acumulação, o extrativismo, em detrimento das relações sociais, os aspectos identitários, a cultura, a tradição local e a justiça social e ambiental, já que esse modelo hegemônico vem devastando a natureza e minando a dignidade do ser humano, que produz um desenvolvimento para o lucro e não para a existência de uma vida digna.

No caso da formação territorial do Brasil, “grandes extensões de terra monopolizada, tecnologia de ponta, monocultura, devastação da natureza e exploração do trabalho” (PORTO-

GONÇALVES; LEÃO, 2020, p. 9). Nesse sentido, a conceituação do território é perpassada por uma ontologia vinculada à herança de “um modelo capitalista extrativista moderno-colonial de devastação e genocídio”, acima de tudo eurocêntrica e hegemônica sobrepondo-se sobre os saberes de povos originários e da população negra (HAESBAERT, 2021, p. 162). Essa exploração, em que predomina uma lógica capitalista marcada por uma globalização hegemônica de cima-para-baixo que produz ausências e exclusões abissais (SANTOS, 2002; 2009; 2007), subjugam os territórios e as realidades locais em detrimento de grandes potências imperialistas, violentando suas culturas, minando suas potencialidades epistemológicas e os recursos naturais existentes.

2.1 *Facções Têxteis e a precarização do trabalho*

No ano de 2013, foi criado o Programa de Interiorização da Indústria Têxtil - Pró-Sertão, implantado em 2013, na gestão de Rosalba Ciarline e do Secretário de Desenvolvimento Econômico Rogério Marinho, previa a implantação de 210 facções de costura até 2018, com a criação de 8.400 postos de trabalho e produção de 126 mil peças de vestuário diárias. O setor de facções têxteis consiste em pequenos e médios empreendimentos que funcionam como montadoras de roupas para grandes marcas de confecções com renomes nacionais e internacionais (ARAÚJO, 2017).

Para viabilização do programa, as prefeituras entram com contrapartidas do espaço físico para formações e instalação das unidades de produção. Destaca-se a criação do curso de Vestuário no IFRN - Caicó, com o intuito de contribuir com as formações da força de trabalho. Com isso, fábricas como a Guararapes, Cia Hering, RM Nor, que possuem sede própria na capital do RN, concentram maior parte da produção na Região Metropolitana de Natal, e se utilizam do interior do Estado apenas como complemento da produção nas facções de costura (ARAÚJO, 2017).



Figura 1. Registro de funcionárias trabalhando em Facção Têxtil com meta diária (Fonte: Repórt Brasil, 2015).

De acordo com Araújo (2017), o que se percebe diante do Pró-Sertão, é a atuação do Estado na defesa de um modelo de desenvolvimento e da promessa de inserção produtiva dos territórios do interior do RN, na geração de emprego e renda, mas, o que se identifica é a violação dos direitos dos trabalhadores, a exemplo do trabalho sem carteira assinada e pagamento de salários abaixo do subsídio mínimo, sendo estes proporcionais à produção, expondo trabalhadores a jornadas de trabalho exaustivas. Além disso, o autor pontua uma realidade em que funcionários da capital ganham melhores salários, conforme acordos entre sindicatos e Região Metropolitana, ao passo que nos outros territórios, existe a dificuldade de acordos com facções de costura terceirizadas. As funcionárias do gênero feminino “praticavam a dupla jornada de trabalho, desempenhando atividades nas facções de costura e estendendo sua jornada de trabalho aos afazeres domésticos, enquanto donas de casa” (ARAÚJO, 2017, p. 61).

Acerca do trabalho doméstico e trabalho reprodutivo, há uma naturalização e desvalorização destes, que não são contabilizados e considerados como trabalho produtivo, o que Federici (2017, p. 100) pontua que “o capitalismo subordina atividades reprodutivas – na forma de trabalho feminino não remunerado”.

Essa secundarização do trabalho reprodutivo vem sendo pautado pelos estudos feministas, para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. Desse modo, a teoria e a prática feminista em torno de gênero vem buscando explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo (HARAWAY, 2004).

Nesse contexto, observa-se a masculinização das atividades agrícolas e a indústria têxtil, especificamente as facções de costura, tem se caracterizado como uma atividade para as mulheres, característica do novo rural marcado pela pluriatividade e multifuncionalidade (WANDERLEY, 2000). As desigualdades de gênero vêm sendo percebidas nos territórios, sobretudo do ponto de vista das extensas jornadas, más condições de trabalho, ausência de regulamentação, imposto às mulheres nas facções de costura.

2.2 Os ventos que ameaçam a vida humana e não-humana

A energia eólica, tida como limpa e sustentável, na verdade, vem apresentando uma série de impactos sociais e ambientais e vulnerabilidades, causando nos territórios a segregação de comunidades, a partir da criação de estradas e alteração de rotas de comunidades pesqueiras, desmatamento de árvores usadas no auto sustento das comunidades, além da saúde individual e coletiva, mudanças na dinâmica sociocultural (aumento de uso de entorpecentes, da exploração sexual infanto-juvenil, furtos e roubos), descaracterização da paisagem, alteração de rota migratória de espécies, aumento de resíduos sólidos nos rios (HOFSTAETTER, 2016).

No Seridó, os parques eólicos vem ameaçando um complexo de serras, que recentemente foram reconhecidas pela UNESCO como Geoparque Seridó, situado no extremo Nordeste do Brasil, região centro-sul do Estado do Rio Grande do Norte, no semiárido potiguar, envolvendo totalmente os territórios dos municípios de Cerro Corá, Lagoa Nova, Currais Novos, Acari, Carnaúba dos Dantas e Parelhas. Estes municípios fazem parte da mesorregião Central Potiguar e englobam partes das microrregiões Serra de Santana e Seridó Oriental. O geoparque tem uma área de 2.802 km² e abriga 21 geossítios (GEOPARQUE SERIDÓ, s/d).

De acordo com Freitas (2019) o Geoparque Seridó vem se consolidando no segmento turístico, a partir do turismo sustentável, de natureza, que engloba o ecoturismo, geoturismo, turismo de aventura, turismo rural. Além disso, tem-se o turismo cultural, que inclui turismo pedagógico, turismo gastronômico, turismo de eventos, turismo religioso e turismo arqueológico. Na figura 2, por exemplo, é possível perceber produtos da culinária que retratam as serras e figuras rupestres do Geoparque.



Figura 2. Registro de geoprodutos do Geoparque Seridó (Fonte: Facebook do Geoparque Seridó, 2018).

No entanto, um crescente número de parques eólicos vem sendo instalados no território do Seridó. A estimativa é que mais de 120 aerogeradores devem ser instalados nas serras ao longo dos próximos anos. Nos últimos três anos, foram aprovadas 700 licenças de operações para atividades eólicas em todo o estado pelo Instituto do Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (Idema). Só em 2022 foram 229 aprovações. Algumas consequências já vem sendo percebidas, como o risco de extinção da espécie nativa Arara Maracanã, explosões que causam erosão nas serras e ameaça a sítios arqueológicos, além do êxodo rural (MARCO ZERO, 2022). Na figura 3, é possível perceber as mudanças na paisagem local com a instalação dos parques eólicos.



Figura 3. Registro de feira de artesanato às margens da BR 304 e, ao fundo, a nova paisagem com os aerogeradores (Fonte: acervo do autor, 2022).

A sobrevivência humana e não humana vem ficando às margens do Estado, refêns da *“ilegibilidad de sus propias prácticas, documentos y palabras”* (DAS; POOLE, 2008, p. 25), considerando um elevado número de licenciamentos que vem sendo liberados, sem a devida observância das condições em que esses empreendimentos eólicos vêm ocasionando nas comunidades.

A população vem resistindo e pautando os impactos desses empreendimentos do vento junto ao Estado, em parceria com universidades e ONG's, como a Cáritas Diocesana, realizando seminários e outras ações. Esse processo vem sendo construído com lutas pela defesa dos territórios e por justiça ambiental, na perspectiva da efetivação de direitos emancipatórios, achados na rua (LYRA FILHO, 2021; JUNIOR, 2019), considerando que o Estado não vem conseguindo incorporar e positivar as demandas socioculturais das comunidades e resguardar a manutenção da vida humana e não-humana.

Um exemplo da resistência foi a elaboração e divulgação da “Carta do Seridó: a vida pulsa no semiárido”, documento produzido pelo movimento “Seridó Vivo” e aprovado em plenária, com mais de 150 pessoas, no I Seminário regional a vida pulsa no Seridó, realizado no dia 25 de julho de 2022, em Caicó/RN.

O modelo de expansão dos “negócios do vento”, como são também conhecidos, avançam e se inserem sobre áreas que reconhecidamente são prioritárias para a conservação ambiental no semiárido brasileiro. Nesse caso, somam-se o avanço dos processos de desertificação, a extinção regional da fauna e flora, o ressecamento das reservas de água doce e o aumento da desigualdade e vulnerabilidade social. Na região do Seridó potiguar é preocupante o avanço desses empreendimentos sobre as áreas reconhecidas do patrimônio do povo seridoense, refúgios de biodiversidade e de suporte ambiental, tais como a Serra de São Bernardo e da Formiga, em Caicó/RN, o Complexo de Gargalheiras, em Acari, o Cânion dos Apertados, em Currais Novos, a Serra dos Quintos, em Parelhas, a Serra de Santana, entre outras áreas reconhecidas dessa região. A vida que ainda se faz presente e resistente presume questões morais à própria sobrevivência humana. O Seridó que tem sido historicamente um celeiro de gente que pensa e faz, precisa continuar sendo pensado pelo seu próprio povo, onde o direito ao entorno e à dignidade humana, junto à sua identidade e ao seu lugar, ainda resistem perante o contexto do capital globalizado e ganancioso, que desenraiza e não tem qualquer compromisso com os lugares e com as pessoas (BLOG SAIBA MAIS, 2022, s.p).

Desse modo, a resistência dos seridoenses vem questionando um modelo de desenvolvimento globalizado que não considera a realidade regional, e que põe em risco a existência humana e não-humana, o que vem azeitando o debate de outras maneiras de se pensar um desenvolvimento e modelo produtivo, como será discutido na seção seguinte.

3. Territórios de resistência e (re)existência: identidade e ação feminista

Apesar da invisibilização por parte de uma razão colonizadora, universalista e hegemônica, que vem explorando o território seridoense para o lucro, *“hay otras matrices de racionalidades subalternizadas resistiendo, r-existiendo, desde que la dominación colonial se estableció y que hoy, vienen ganando visibilidad”* (PORTO-GONÇALVES, 2009, p. 169). Esse processo está sendo disputado por movimentos de re-existências e estratégias contra hegemônicas, para driblar essas imposições e invisibilização históricas.

Na América Latina, essa resistência vem sendo percebida pela vivência do território a partir do diálogo com os movimentos sociais, suas identidades e seu uso como instrumento de luta e de transformação social, em contraposição às geografias de matriz eurocêntrica e hegemônicas,

que priorizam as propriedades jurídico-políticas do território. Daí a importância de sua dimensão simbólica, o que engloba as diferentes formas de construção étnico-cultural e de gênero, a resistência do “corpo-território”, espaço de vida, humana e não-humana (HAESBAERT, 2021, p. 163).

Acerca das transformações no território do Seridó potiguar, marcado por um contexto de industrialização, crise do setor têxtil, reestruturação das bases produtivas, com a implantação de diversas atividades econômicas, principalmente ligadas ao segmento têxtil e de confecções para superar a crise, bem como conflitos contemporâneos envolvendo projetos de desenvolvimento e interiorização da indústria têxtil, como as facções de costura, e a produção da energia eólica, destaca-se a forma com que a sociedade vivifica a resistência. A identidade torna-se um elemento fundamental a perpassar todas as instâncias da estrutura regional, onde nota-se um saber-fazer carregado de valor histórico e simbólico. A identidade seridoense dos produtos da terra, Morais (2020, p. 484) “o diferencial dessa marca não se situa simplesmente no âmbito do fazer (com técnica), mas do fazer com arte, carregado de tradição, mesmo quando mesclado de inovação”.

As bonelarias, chapelarias, facções, malharias, tecelagens de redes, fábricas de panos de prato, confecção de bordados, estão presentes no território seridoense pelo menos nos últimos três séculos, e fazem parte da identidade da região, marcadamente com o protagonismo das mulheres no desenvolvimento dessas atividades. Apesar das transformações oriundas de processos de industrialização, políticas de cunho neoliberal e más condições de trabalho, as mulheres continuam desempenhando o ofício e (re)existindo no território.

Percebe-se, que desde o período da colonização portuguesa, a produção artesanal se aproximou da vida cotidiana das mulheres na disciplina e na ocupação do tempo, já que bordar e coser demonstravam um indicativo de riqueza, de prosperidade e da posição social das famílias que prosperavam, bem como a utilização dos bordados como ornamentação da casa era tida como forma de distinção social. Ao mesmo tempo, as mulheres pobres no contexto produtivo da cotonicultura, principalmente no século XX, eram as encarregadas pela produção, colheita e beneficiamento do algodão, enquanto os homens cuidavam do gado (BRITO, 2010). Nos dias atuais, as trabalhadoras são expostas à acumulação de jornadas de trabalho nas facções de costura, onde ganham por produção, e ao trabalho doméstico, historicamente relegado às mulheres.

Nesse percurso, é necessário compreender as experiências diversas das mulheres, a partir da “intersección dinámica entre el sexo/género, la clase y la raza en contextos de dominación construidos históricamente” (VIGOYA, 2016, p. 8), e de como essas diferentes formas de sobreposições de desigualdades se refletem na vida das mulheres e das trabalhadoras dos bordados e tecelagem.

Na defesa de uma geografia da resistência (MORAIS, 2020), há a necessidade de uma construção coletiva perante a economia, a política e a cultura para a reação diante de uma realidade homogeneizadora, hegemônica, colonizadora, a partir do fortalecimento da identidade local.

A leitura do Seridó como geografia da resistência passa pelo desvendamento das estratégias utilizadas pela sociedade dos resistentes que utilizou a identidade e o patrimônio cultural como argamassas do processo de reestruturação regional. Revisitando os caminhos da tradição e abrindo novas veredas, os seridoenses palmilharam trilhas marcadas por inovações e permanências e imprimiram uma nova versão do texto regional (MORAIS, 2020, p. 57).

A atuação das mulheres tem marcado a resistência e (re)existência no Seridó potiguar, especialmente na manutenção dos saberes da cultura do bordado e outros ofícios relacionados à

tecelagem. Araújo (2013), destaca que as habilidades manuais do bordado, vem se caracterizando como um ofício repassado por gerações, inclusive na construção do papel da “moça prendada”, mas que hoje, no caso do bordado do Seridó potiguar, por exemplo, vem ocupando espaços na cultura, história, turismo e economia.

A Casa das Bordadeiras Iracema Soares, que conta com cerca de 100 bordadeiras em atividade e uma cooperativa, está localizada em Timbaúba dos Batistas. É um dos exemplos da organização das mulheres no Seridó em torno da manutenção da atividade do bordado. O município se estende por 135,5 km² e conta com aproximadamente 2.400 habitantes no último censo. O trabalho das bordadeiras vem sendo conhecido nacionalmente, inclusive, após terem produzido o vestido de casamento de Janja, noiva do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.



Figura 4. Registro da fachada da Casa das Bordadeiras (Fonte: Saiba Mais, 2022).

Nesse ano de 2022, a Casa das Bordadeiras resolveu se reinventar. A partir da criação da coleção Território, com direção criativa do seridoense Iure Dantas, e em parceria com SEBRAE, a Prefeitura Municipal de Timbaúba dos Batistas e o Instituto Riachuelo, as bordadeiras fugiram da tradição de bordados florais e resolveram retratar as figuras rupestres do Sítio Pintado, zona rural do município de Timbaúba dos Batistas, que foi tombado em 2006 pela Fundação José Augusto.



Figura 5. Editorial da Coleção Territórios, de peças produzidas pelas bordadeiras de Timbaúba dos Batistas, Seridó/RN (Fonte: Timb'Arts Moda, 2022).

A estética do território ressaltada pelas bordadeiras fornece elementos para as possibilidades de pensar outros mundos. Boschemeier (2021, p. 4), nos provoca a explorar a força dos recursos imagéticos, o poder criador das imagens como ferramenta para a transformação e construção de outros mundos e o pensamento divergente, um sentipensar, considerando o contexto colonialista que ainda perpassa o cânone antropológico clássico, onde nós, do Brasil, da América Latina e do sul global, ainda somos vistos de forma inferiorizada, infantilizada e como exóticos. É preciso “procurar outras fontes, gestionar outras linhagens, transformar árvores genealógicas em rizomas”, a partir de outras experiências, ancestralidades e corporalidades.

4. Considerações finais

As facções têxteis e os empreendimentos eólicos, no Seridó potiguar, vem se configurando como novas transformações no território. A exploração capitalista do território, a partir de um modelo produtivo globalizado, vêm se impondo diante da realidade regional, acentuando desigualdades, e já vem apresentando impactos sociais, culturais e ambientais.

Com relação ao modelo de desenvolvimento proposto pelas facções de costura, percebe-se que as mulheres trabalhadoras encontram desafios na inserção produtiva, como a ausência de regulamentação e de condições de trabalho, terceirização e informalidade, além de um contexto de menores salários no interior do Estado, em comparação com a capital, justamente porque as mulheres interioranas não conseguem participar das negociações sindicais.

A resistência a partir do movimento “Seridó Vivo”, vem pautando os impactos ambientais e socioculturais da implantação de parques eólicos nas comunidades, as mudanças climáticas, a desertificação, a desigualdade social. O fortalecimento da identidade como uma causa não hegemônica, vem sendo um modo de resistência mobilizado pelo povo seridoense em contraposição às transformações e imposições capitalistas e coloniais, numa geografia da resistência (MORAIS, 2021), com marcada atuação das mulheres, que vem perpetuando os saberes tradicionais do bordado e atividades relacionadas a tecelagem. Apesar dos desafios na inserção produtiva e desigualdade de gênero, as mulheres vem se reinventando, a partir da manutenção do ofício, a preservação dos saberes, e recentemente saindo do bordado tradicional floral e mobilizando recursos estéticos e imagéticos como representações de sítios arqueológicos e outros elementos da cultura local.

As mulheres da Casa das Bordadeiras, no município de Timbaúba dos Batistas, por exemplo, a partir da criação da “Coleção Território”, com o uso de recursos estéticos e imagéticos, nos inspira a pensar a transformação e construção de outros mundos, a partir das identidades regionais e de gênero.

Esse estudo encontra limitações, pois, apesar da coleta de dados empíricos, através de pesquisa documental e de revisão bibliográfica sobre os impactos das facções de costura e da instalação dos parques eólicos no Seridó, a pesquisa ainda está em fase de condução de entrevistas, de modo que entende-se ser primordial a incorporação desse dado qualitativo para compreensão dos fenômenos sociais investigados.

5. Referências

ARAÚJO, Adrianna Paula de Medeiros. **Bordados do Seridó: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN / Adrianna Paula de Medeiros Araújo.** - Natal/RN, 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Antropologia Social.

Aspectos socioeconômicos dos municípios. In: Geoparque Seridó, s/d. Disponível em: <https://geoparqueserido.com.br/?page_id=8182>. Acesso em: 15/12/2022.

BOSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú. **Teoria antropológica, colonialidade do ser e pensamento visual.** Vivências e Escritas Entremundos, 2021.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras: um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN.** Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo, 2010.

Carta do Seridó alerta para modelo de expansão dos “negócios do vento” no semiárido. In: BLOG SAIBA MAIS, 2022. Disponível em: <<https://saibamais.jor.br/2022/07/carta-do-serido-alerta-para-modelo-de-expansao-dos-negocios-do-vento-no-semiarido/>>. Acesso em: 15/12/2022.

Casamento de Lula e Janja terá vestido de noiva e lembrancinhas com bordados do Seridó potiguar. In: Saiba Mais Agência de Reportagem, 2022. Disponível em: <<https://saibamais.jor.br/2022/05/casamento-de-lula-e-janja-tera-vestido-de-noiva-e-lembrancinhas-com-bordados-do-serido-potiguar/>>. Acesso em: 16/12/2022.

Coleção Território. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; Prefeitura Municipal de Timbaúba dos Batistas; Casa das Bordadeiras; Instituto Riachuelo; INOVA (orgs.). Timbaúba dos Batistas (RN), 2022.

DAS, Veena y POOLE, Deborah (2008). El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, n° 27:19-52.

FEDERICI, Silvia. Notas sobre gênero em O Capital de Marx. **Cadernos cemarx**, n° 10 – 2017.

FREITAS, Idiamara Nascimento. **Projeto Geoparque Seridó: um estudo das práticas turísticas como propulsor para o desenvolvimento local.** Natal, RN, 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Geração de energia eólica ameaça sítios arqueológicos e santuários ecológicos no Seridó. In: Marco Zero, 2022. Disponível em: <[Geração de energia eólica ameaça sítios arqueológicos e santuários ecológicos no Seridó - Marco Zero Conteúdo](#)>. Acesso em: 16/12/2022.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. In: **Cadernos Pagu** (22) 2004: pp.201-246. Campinas: Unicamp. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 08/10/2022.

Hering e Riachuelo terceirizam parte da produção para oficinas do sertão. In: Repórter Brasil, 2015. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2015/12/roupas-da-hering-e-riachuelo-vem-de-oficinas-terceirizadas-no-sertao/>>. Acesso em: 15/12/2022.

HOFSTAETTER, Moema. **Energia eólica**: entre ventos, impactos e vulnerabilidades socioambientais no Rio Grande do Norte. - 2016. 176f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais. Natal, RN, 2016.

JUNIOR, José Geraldo de Sousa. O Direito Achado na Rua: condições sociais e fundamentos teóricos. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, V.10, N.4, 2019, p. 2776-2817. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/CNNz75q4mnFdnjKzWnZY7si/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05/10/2022.

LINS, Zara de Medeiros. **Circuitos espaciais de produção da atividade boneleira**: o uso dos territórios de Caicó, Serra Negra do Norte e São José do Seridó. - 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Natal, 2011.

LYRA FILHO, Roberto. Entrevista com Roberto Lyra Filho sobre a criação da Nova Escola Jurídica Brasileira (NAIR), seguida do programa por ele organizado para o Centro de Estudos Dialéticos: O Direito Achado na Rua. Rascunhos inéditos. In: JUNIOR, José Geraldo de Sousa [et. al.]. **O Direito Achado na Rua**: Introdução crítica ao direito como liberdade – Brasília: OAB Editora ; Editora Universidade de Brasília, 2021.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. – 1. ed. – Natal: EDUFRN, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. LEÃO, Pedro Catanzaro da Rocha. Terra, violência e conflito na formação territorial brasileira: tensões territoriais na ruptura política (2015-2019). **Revista da ANPEGE**. v. 16. nº. 29, p. 712 - 767, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X.

PORTO-GONÇALVES, C. W. (2009). **Territorialidades y lucha por el territorio en América Latina**: Geografía de los movimientos sociales en América Latina. Maracaibo: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul** / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. CES, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, outubro 2002: 237 - 280.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** / Boaventura de Sousa Santos ; tradução Mouzar Bedito. - São Paulo : Boitempo, 2007.

SANTOS, Vaneska. **Reestruturação socioespacial do Seridó norte-rio-grandense**: desafios e veredas construindo uma nova realidade. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal - RN, 2005.

VIGOYA, M. V. (2016). La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. **Debate feminista**, 52, 1-17.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas- o rural como espaço singular e ator coletivo. IN : **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio, UFRRJ, CPDA : número 15, outubro de 2000, pp 87-146.